

7 DE 7MBRO

É feriado. Muitos por aí estão pegando estrada para comer isca de peixe e tomar banho de mar. Outros, o caminho entre a cozinha e a sala para comer pipoca e curtir o macio do sofá. Eu estou pegando o rumo ao Museu do Ipiranga.

Gosto de comemorar datas do meu jeito. No dia do trabalho bato o ponto mesmo sendo feriado. Natal eu já espero desde 26 de dezembro. O coelho da Páscoa me leva à falência e ao endócrino para recomeçar a dieta. A contagem regressiva do ano novo me dá palpitações dignas de taquicardia. Já perdi as contas de quantos chás participei, de bebê, fralda, cozinha, lingerie, das cinco, de boldo. No dia das crianças me dou um gibi de presente.

Minha vida se guia pelas datas que já vêm em vermelho no calendário. As datas que não estão lá eu mesma marco, em azul mesmo. Tem celebração, dou “check in”. Esse gosto pronunciado por datas, que tantos julgam descomedido, começou de fato quando eu tinha 7, num 7 de setembro, no meio de uma excursão escolar, quando me vi entre balões coloridos, crianças barulhentas, pais irritados e cães babões. Naquele dia eu nem vi quando a dona Carmem saiu de perto de mim e foi embora levando a criançada em fila indiana. Nessa idade você não presta atenção nem segue as recomendações da sua mãe. Bastou ver o jardim cheio de árvores gordinhas e a fonte jorrando névoa branca para eu descarrilar do trenzinho de alunos. Eu mal podia conter minha boca aberta e minha íris castanha hipnotizada. Mamãe dizia que era verde. A barriga começou a roncar, Beto tinha pegado meu lanche, e me vendo no meio de 7 dúzias de pessoas estranhas, fui procurar as poucas que eu conhecia. Na porta, o segurança me olhou com desconfiança. “Tô com a excursão da dona Carmem”, disse, entrando em meio a famílias em movimento e estátuas paralisadas. Um senhor veio falar comigo:

— Olá, garotinha, prazer, Borba Gato.

Com 7 eu ainda não o conhecia. Seu Borba usava um chapéu grande e botas até os joelhos, o que eu julgava bastante estranho para um homem da cidade grande. Quando lhe informei do sumiço de dona Carmem, ele não tardou em se entusiasmar:

— Minha cara, vamos desbravar este museu em busca de sua professora!

No meio do caminho, demos de cara com outro senhor vestido no mesmo estilo.

— Borba! Eu fui restaurado, e tomei um chá de cadeira numa salinha sem janelas com quatro jovens detalhistas. Só para arrumar meu nariz foram 3 meses.

Borba Gato fez uma piadinha sobre o nariz, e eu percebendo o clima esquentando entre eles, tratei de me apresentar, esticando o braço e ganhando um forte aperto de mão.

— Sou Ananguera, o bandeirante.

— Prazer, seu Bandeirante.

— Ananguera.

— Desculpe, seu Ananguera.

— Tenho que terminar de restaurar o meu braço, o tempo acaba com a gente.

Me despedi de Ananguera, e ao lado de Borba passamos por Fernão Dias e Raposo Tavares, que me contaram sobre as tempestades e pântanos que tinham enfrentado para ajudar a expandir o território. Honestamente, achei que eles exageravam, afinal eram já velhinhos e teriam andado tanto assim? Eu com sete anos mal dava uma corrida no quarteirão. Mas tanta experiência reunida em cabelos grisalhos me dava esperança de achar dona Carmem. Não estava sozinha lá, pelo menos até seu Fernão e seu Raposo saírem atrás de um grupo de moças e seu Borba reclamar da bexiga. “Está quase estourando, menina”. Correu para o banheiro e eu, escada acima. Quase fui atropelada. Por um cavalo. Arregalei os olhos castanhos. Verdes, segundo mamãe. Aquele homem

eu já tinha visto no livro, mas ele estava ali, em carne e osso e roupas engraçadas. Sorriu para mim, e me puxou para cima do cavalo também.

— Seu Dom Pedro.

— Primeiro, querida, para não haver confusões.

— Seu Primeiro, é muito bom encontrar o senhor aqui, ainda mais hoje.

— Ué, e quem você queria encontrar? O Bozo? Vivo onde entrei para história.

— Estou procurando minha professora. Não sei voltar para escola sem ela.

— Você precisa ter mais independência, garota.

— É que eu só tenho 7 anos.

— Com 22 já era príncipe regente. Não tem desculpa, é independência ou morte.

Partimos a galope por entre obras e pessoas que pareciam nem nos notar, pensando ser mais uma apresentação do 7 de setembro. Tolinhos. Enfim avistei a cabeleira espessa da dona Carmem. Beto já tinha devorado meu lanche, me despedi de Dom Pedro I e tenho quase certeza que ele deu uma piscadela para minha professora. Ou estava só vendo coisas, como tenho ouvido desde esse dia. Beto disse que eu alucinava de fome, mamãe queria me levar ao médico, dona Carmem, que eu podia jurar que retribuiu àquela piscadela, danadinha, disse que eu era muito inventiva. Eu só sei que foi tão marcante para mim que desde então não perco uma celebração sequer, qualquer que seja.

Tipo hoje, é sete de setembro de novo, eu já tenho 27 anos, não me tornei princesa regente, mas adquiri a independência sugerida pelo imperador. Pra mim é uma heresia não passar esse dia aqui no Museu. Eles nunca mais apareceram, mas sei que eles estão por perto. Dom Pedro, primeiro, claro, disse que vive aqui, onde entrou pra história, então ele tem que estar aqui, a não ser que todos eles tenham decidido pegar estrada para comer isca de peixe e tomar banho de mar. É feriado, né.